

## IMAGENS DA NATUREZA NA POESIA DE HELENA KOLODY E NA PINTURA DE MIGUEL BAKUN

KROIN, Vanderlei<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar a presença da natureza na poética de Helena Kolody e na pintura de Miguel Bakun, observando o modo como ambos a apresentam em suas respectivas artes. É um trabalho comparativo, pautado nas premissas da literatura comparada e estudos interartísticos. Sabe-se das convergências e divergências entre os dois sistemas de linguagem: o verbal e o visual, mas tendo-os como sistemas artísticos que falam do homem para o homem, pretende-se discutir suas correlações. Ainda, registrar a comparação entre dois artistas brasileiros, nascidos no interior do Paraná, portanto, de certa maneira à margem do cânone, o que vem ao encontro das perspectivas atuais dos estudos comparatistas, ou seja, descortinar obras e autores oriundos de áreas ditas periféricas do globo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kolody; Bakun; Poesia; Pintura; Natureza.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the presence of nature in the poetry of Helena Kolody and in the painting of Miguel Bakun, observing the way both present it in their respective arts. It is a comparative work, based on the premises of comparative literature and interart studies. We know of the convergences and divergences between the two systems of language: verbal and visual, but having them as artistic systems that speak of man to man, we intend to discuss their correlations. Also, to record the comparison between two Brazilian artists, born in the interior of Paraná, therefore, to a certain extent in the margin of the canon, which is in line with the current perspectives of comparative studies, that is, to see works and authors coming from peripheral areas of the globe.

**KEYWORDS:** Kolody; Bakun; Poetry; Painting; Nature.

### INTRODUÇÃO

Estudar comparativamente a poética de Helena Kolody e a pintura de Miguel Bakun é realçar e resgatar um pouco da literatura e das artes plásticas produzidas no Paraná do século XX e registrar que o estado, tido por muitos como “provinciano” à época, teve seus representantes na literatura e artes plásticas. Este é um trabalho que

encontra respaldo no campo comparatista atual, justamente porque há o interesse crescente e fecundo em viabilizar estudos que venham a dar lume a autores e obras de espaços considerados periféricos, como o foi considerado o Paraná, principalmente na primeira metade do século XX.

Sabe-se que literatura e pintura sempre estiveram interligadas ao longo da história, numa evolução paralela, em que ora uma, ora outra estava em destaque, mas sempre com uma relação de proximidade entre elas. Isso porque ambas são linguagens que falam sobre o homem e sobre o mundo. Pintor e poeta mostram o mundo sob perspectivas e signos diferentes, mas com a mesma essência da arte, daí que estabelecer relações entre essas duas formas artísticas seja um tentar entender o próprio homem, sujeito criador e transformador.

Além disso, sabe-se que na sociedade pós-moderna há um grande apelo ao visual, bem como está em voga os desdobramentos, os hibridismos e as inter-relações entre as várias ciências e áreas do conhecimento, bem como o entendimento e uma ênfase nos estudos críticos/teóricos e artísticos advindos das regiões periféricas do globo. As culturas são plurais e o deslocamento do interesse se descentraliza, vai do centro à periferia, ocorrendo que, quanto mais se avança nessa perspectiva de interação, elas mais se desdobram, logo, o esforço dos estudos comparatistas não é mais pautado na dicotomia centro/margem, mas apenas na diferença. Dessa forma, discutir e comparar dois artistas, de um centro periférico, dentro da perspectiva artística do Brasil do século XX, se justifica porque vem dar lume às vozes emergentes, que, com a arte praticada em seu espaço sócio-histórico também contribuem para o crescimento da arte como um todo.

#### A NATUREZA EM HELENA KOLODY E EM MIGUEL BAKUN

A literatura e a arte sempre estão inseridas na cultura. Pode-se dizer, metaforicamente, que suas raízes estão no local e seus galhos anseiam e/ou alcançam o universal, de modo que a essência que as regula e as caracteriza ultrapassa o linguístico e o icônico. Por seu caráter plurissignificativo a obra literária e/ou artística não se deixa prender em análises e conjecturas absolutas, mas tenciona e abre-se ao ecletismo das possibilidades interpretativas, que por sua vez, podem ser várias, mas não aleatórias. Atemporais, as obras permitem ao homem pensar sobre si e sobre o mundo.

Como a literatura e a arte sempre despertaram o interesse do homem e estiveram presentes em sua vida, ao longo do tempo, houve também a necessidade de as compreender mais sistematicamente. Para tanto foram desenvolvidos estudos e

criadas teorias para tentar entender o processo de criação artística e literária, bem como realizados esforços no sentido de comparar umas com as outras de maneira mais unificada. São dessas inquietações, iniciadas ainda na Grécia, com Aristóteles, passando por Horácio que se desenvolvem os estudos interartísticos e debates entre literatura e outras artes, principalmente a pintura e, muito tempo depois, no século XIX, surge a literatura comparada, objetivando a comparação mais sistemática e em molde mais científico entre autores e textos literários.

De lá para cá, com os posteriores desdobramentos comparatistas e evolução do campo, nos dias atuais, a literatura comparada extrapola os limites de análises e discussões acerca do entrecruzamento apenas de textos literários entre si; busca-se investigar, contemporaneamente no campo comparatista, as relações da literatura com outras áreas do saber, do conhecimento humano, bem como com outras artes, a pintura, a música, o cinema, etc.

Além disso, tais estudos, hoje, tendem a buscar a equiparação entre produções não canônicas, redescobrimo obras e autores mantidos à margem do cânone ao longo da história. Busca-se, hoje, no terreno comparatista, além das assonâncias e semelhanças, evidenciar o realce das diferenças, sem inferiorização dos objetos (textos/obras) equiparados, busca-se elencar as semelhanças sem desprezar o diálogo contido neste parecer aproximativo.

As artes todas estão unidas em suas bases; se diferenciam no topo, conforme assinala também Kandinsky, ao observar que “Todas as artes provém da mesma e única raiz. Logo, todas as artes são idênticas.” (KANDINSKY, 2015, p. 256). Semelhantes na origem, diferentes na expressão, poesia e pintura se interligam intimamente. Para descortiná-las deve-se fazer uso de todos os sentidos. Kandinsky assinala a respeito da recepção da pintura com as seguintes palavras: “Não se engane, não pense que “recebe” a pintura apenas pelos olhos. Não, sem saber, você a recebe pelos cinco sentidos.” (KANDINSKY, 2015, p. 258). Esta premissa vale evidentemente também em relação ao processo de criação e se estende para a poesia. O verbal e o visual se interpenetram e essa relação constituída é constante tanto na arte poética e na pictórica.

É o que se pretende verificar na poética de Helena Kolody e na pintura de Miguel Bakun, dois artistas eslavo-brasileiros, nascidos no Paraná, no início do século XIX e têm suas obras alicerçadas em uma linguagem artística, verbal e icônica que fala sobre a natureza e os elementos que a compõe, tendo inclusive o homem, como componente deste conjunto natural.

Helena Kolody e Miguel Bakun são descendentes de eslavos, mais precisamente da etnia ucraniana, a qual chegou ao Brasil ao final do século XIX,

instalando-se principalmente na região Sul do Brasil, em sua grande maioria no Paraná. Em terras paranaenses fundaram inúmeros núcleos coloniais no interior do estado, os quais deram origem a diversas pequenas cidades espalhadas pelo território, mais especificamente na região Centro-Sul do estado. Foi deste cenário e cultura que emergiram a poeta e o pintor. Kolody nasceu em Cruz Machado em 12 de outubro de 1912, Bakun, por sua vez, nasceu em Mallet, no dia 9 de outubro de 1909.

Na infância e adolescência a poeta residiu e Rio Negro. Chegou à capital pela primeira vez em 1923 para estudar. No ano seguinte muda-se para a cidade de Mafra/SC, onde escreve seus primeiros versos. Em 1927 volta à Curitiba, juntamente com a família. Cursa a escola Normal e torna-se professora. Leciona em Rio Negro e em Ponta Grossa. Em 1937 volta à Curitiba pela terceira vez, desta vez para lecionar na Escola Normal Secundária.

O pintor Miguel Bakun residiu, em Ponta Grossa na sua adolescência. Ingressou na Marinha, da qual foi desligado em razão de um acidente que sofrera no Rio de Janeiro. Chega à capital paranaense em 1930. Trabalha como fotógrafo e faz outros serviços de pintura, como decoração de interiores e letreiros. Autodidata, instala ateliê na Avenida Silva Jardim e dedica-se à pintura. Em 1940 parte novamente para o Rio de Janeiro para lá tentar desta vez a vida profissional como pintor. Sem sucesso, no ano seguinte retorna novamente ao Paraná, onde segue na capital, Curitiba a sua carreira de pintor.

Na década de 40 a poeta e o pintor ganham certo destaque com as respectivas artes que praticam. Kolody publica seu primeiro livro de poemas (*Paisagem Interior*, 1941), com o qual recebe o 2º lugar em concurso de poesia promovido pela Sociedade de Homens e Letras do Rio de Janeiro, em 1942. No ano de 1945 publica seu segundo livro de poemas, *Música Submersa*. Em 1949, “Recebe o prêmio “Ismael Martins”, por obter o 3º lugar com os originais de *A Sombra no Rio*, no Concurso de Livros, gênero poesia, do Centro de Letras do Paraná”. (WOELLNER, 2011, p. 248).

Miguel Bakun também está em franca produção. Participa de alguns Salões e exposições de pintura e recebe alguns prêmios, como ressaltam Ronaldo Brito e Eliane Prolik no livro *Miguel Bakun na beira do mundo*. Entre outras, algumas exposições das quais o pintor participou e prêmios que recebeu na década de 40 pode-se citar: participação na Exposição de Arte Paranaense, promovida pela Sociedade Amigos de Alfredo Andersen e realizada no Rio de Janeiro e Salão Municipal de Arte, em Curitiba (1944); participação, pela primeira vez, do 3º Salão Paranaense de Belas Artes (1946); participação do Salão de Belas Artes do Clube Concórdia e do 4º Salão Paranaense de Belas Artes (1947). Na primeira exposição recebe medalha de

ouro, com a pintura “Retrato de Lourdes”. Na segunda, recebe prêmio em dinheiro, com a obra intitulada “Sol de Inverno”. No ano seguinte Bakun participa do 53º Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, com a obra “Pousando”; recebe menção honrosa no 5º Salão Paranaense de Belas Artes, com a obra “Nas margens” e participa de exposição itinerante de Arte, realizadas em Paranaguá e Ponta Grossa. Em 1949 o pintor participa novamente do Salão Paranaense de Belas Artes. É a 6ª edição e ele é premiado com medalha de bronze, pela obra “Paisagem”.

Na década seguinte e até a sua trágica morte, o pintor segue sua carreira, participando de outros Salões de pintura e exposições de arte, recebendo mais algumas premiações e firmando aos poucos seu nome no rol dos pintores de destaque no estado, o que veio a ocorrer definitivamente somente após seu falecimento prematuro em 14 de fevereiro de 1963. Kolody, por sua vez, veio a falecer em 14 de fevereiro de 2004, aos 91 anos, depois de ter recebido também muitas homenagens, tornar-se membro de diversas academias de letras e tornar-se uma das poetisas mais importantes do Paraná.

Como já sugerido no título deste trabalho, a natureza é marca constante e presente em grande parte das artes poética e pictórica desenvolvida por Helena Kolody e Miguel Bakun. Ambos se utilizam de linguagens diferentes para registrar essa natureza, trazida ao poema e à tela numa perspectiva de proximidade, numa relação íntima entre o sujeito criador e o espaço geográfico que serve de mote e ao mesmo tempo de inspiração. Há um tom de respeito em relação à natureza por parte de Kolody e Bakun.

A reverência frente à natureza cotidiana embala a criação artística de ambos e a sinceridade com que registram essa natureza é a de uma criança encantada, mas conscientes de suas condições frente à grandeza agregadora do meio que os cercava. O cotidiano dessa natureza, com seus seres constituintes, seus ciclos, interpretados na linguagem verbal e visual, deixam entrever, tanto na poesia quanto na pintura que a arte não se desgarra totalmente do ser que a produz.

O ser humano, enquanto ente, também é fruto da natureza, pertence ao reino animal, um dos vários que compõe a natureza. É um ser orgânico, um animal, provido de inteligência, mas esse atributo não o tira da condição de ser orgânico pertencente e componente do mundo. O homem evoluiu a ponto de conseguir viver civilizadamente, mas ainda mantém aceso dentro de si a chama da animalidade, mantém em estado de repouso a bestialidade e a selvageria, em estado mórbido a brutalidade e tudo isso o liga ao homem ancestral, o qual estava intimamente vinculado à natureza, aos rios, aos animais, às matas.

Na produção poética de Kolody e na pictórica de Bakun a natureza é

silente. Os versos kolodyanos registram sempre uma natureza singela, simples, uma natureza nem sempre perceptível, às vezes ignorada, mas que existe, está ali esperando alguém a descobrir. São as águas calmas do rio, a suave melodia do canto dos pássaros, a dança das árvores, os animais minúsculos da floresta, as árvores componentes da mata, o vento a embalar as brincadeiras de crianças e as árvores, as estações do ano que configura essa natureza, à qual a sensibilidade do poeta descobre e apresenta, também em uma linguagem leve, avessa a coisas grandiosas. Na tessitura da linguagem poética kolodyana o pequeno se torna grande.

**O passarinho** canta.

Não conhece teoria musical.

Gorjeia simplesmente porque o canto

é o seu imperativo existencial. (1993)

(KOLODY: In CRUZ, 2012, p. 293).

O pássaro é valorizado. A poeta utiliza o diminutivo para retratar sua familiaridade com o pássaro e, por extensão com a natureza, do qual a ave faz parte. É um registro sincero do canto e ao mesmo tempo o modo que ele aparece na natureza. É pequeno, mas se faz grande no desenrolar dos versos do poema de Kolody. Grande porque encanta com seu melodioso gorjejar e também porque canta sem conhecer teorias musicais; canta natural e despreocupadamente, canta pelo simples fato de existir. O eu lírico tributa uma ode à natureza no desenrolar dos versos.

O canto está ligado ao passarinho, no poema acima, como a poesia está no íntimo de Kolody. “[...] a poesia foi um imperativo psicológico [...]” (KOLODY, 1997, p. 35). Foi uma necessidade de registrar em versos o contato com o mundo, com esse mundo cotidiano que permeia toda a obra de Kolody. “A poetisa nasceu em mim antes da professora. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los [...]” (KOLODY, 1997, p. 37).

Na verdade, metaforicamente, Kolody é o próprio passarinho e sua poética é o canto deste passarinho na natureza. É a externalização do íntimo do ser que deixa-se verificar ao ouvir o canto do pássaro e o modo como Kolody transplanta essa ação em linguagem lírica.

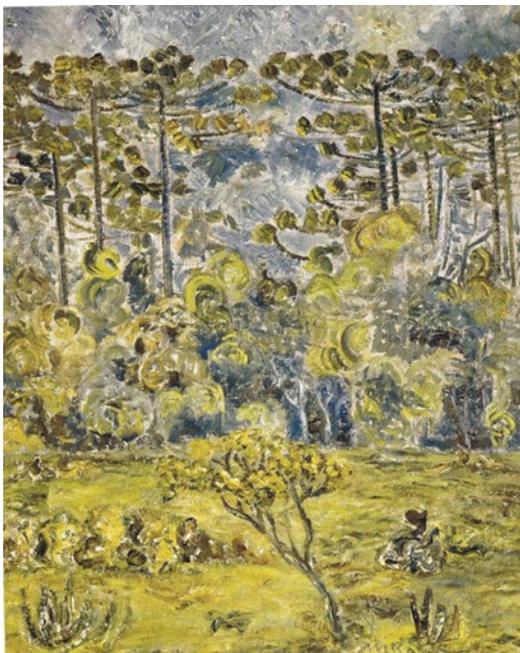
Kolody realiza uma poesia que efetiva, de maneira geral, a presentificação dos elementos puros, tais como a fonte, a mãe, a água, a natureza, o sol, o fruto, o mar. A interioridade aflora na poesia kolodyana através a alegria de viver, da celebração e glorificação do mundo, valendo-se de sua visão de mundo, seu eu questionador, sua

condição de viajante e de observador atento, que está no mundo só de passagem. (CRUZ, 2012, p. 78).

A natureza cotidiana é o cerne da poesia de Kolody, com a consciência da efemeridade de alguns dos elementos constituintes dessa natureza, como o pássaro, o fruto, a mãe e, inclusive o próprio ser humano, o poeta, que pode immortalizar-se pela linguagem que registra (de) tudo que o cerca. Assim como o poeta, a natureza também tem seus sons, suas linguagens: o gorjear do pássaro, o correr das águas do rio, o sibilar do vento, o ciciar das folhas. Essa natureza agrega ainda o homem e sua linguagem.

Em uma relação orgânica envolvendo homem-natureza encontra-se também a arte pictórica de Bakun, que desenvolveu a pintura pautada também na natureza cotidiana, integrando, assim como Kolody, o ser humano nessa interrelação.

Várias pinturas bakunianas são paisagens que registram a natureza visível, aquela que mantém com o sujeito criador uma relação de proximidade, espaço unido ao artista. Os pinheiros são uma constante. A árvore, típica da flora paranaense aparece em diversas telas de Bakun. Conhecido como Araucária, pinheiro do Paraná, ou simplesmente pinheiro, a árvore, presente por praticamente em todo estado foi importante para inúmeras famílias imigrantes, principalmente por fornecer madeira para a construção de moradias. Devido à exploração o pinheiro foi rareando, mas é um símbolo que identifica o estado do Paraná. Exaltado pelos paranistas, aparece na obra de muitos artistas paranaenses, na pintura e na poesia. Note-se, como exemplo, a tela abaixo:



**Figura 1: Mata de pinheiros 1949 óleo sobre tela 55 X 45 cm col. Ario Taborda Dergint**  
**Fonte: PROLIK, Eliane. Miguel Bakun: a natureza do destino. Textos de Eliane**  
**Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: edição do autor, 2009. (p. 39).**

Nesta tela há uma mata de pinheiros. As árvores são imponentes, sobressaem-se às outras, mais baixas. A cor saliente é o amarelo, a preferida do pintor, que aprece em alguns tons mais claros, outros mais escuros. Há ainda a presença do azul, azul-acinzentado, que prefigura o céu. A tela divide-se nitidamente em três áreas distintas. Em primeiro plano, na parte inferior, vê-se uma área com apenas alguns arbustos, vegetação rasteira. No plano médio, central da tela há uma vegetação mais densa, representada nebulosa nas pinceladas de Bakun, sem a nitidez para identificar árvores individualmente, mas um emaranhado que identifica a densidade e representa o conjunto.

Na parte superior da pintura tem-se os pinheiros, alguns exemplares que se impõe na paisagem, com os longos troncos e os galhos retos, nus, com folhas (espinhos) somente nas pontas. Vista de longe, a copada de cada pinheiro forma o desenho de uma taça, que abriga e acolhe. É o lar e abrigo de pássaros, com seus ninhos e também fonte de frutos, fornecendo o pinhão como alimento, para os animais

e também para o homem.

Por se tratar de uma árvore representativa o pintor a nomeia. “Mata de pinheiros”, o título da obra quer realçar a importância que a mata, a natureza e o pinheiro como componente desse ambiente telúrico que envolve o sujeito Bakun. A árvore não era inalcançável ao pintor, por isso ele a traz, utilizando-se de cores e traços à tela. O pintor tinha olhar indiferente ao centro, procurava os arredores, a natureza, os caminhos, os quintais, espaços onde se sentia mais a vontade para registrar a natureza e de relacionar mais intimamente com ela e, desta maneira, transformá-la em objeto estético por meio da linguagem das cores e tintas.

A obra bakuniana tem muito a ver com a personalidade do sujeito Bakun, que mesmo estando imerso no cenário artístico de Curitiba, tendo amigos pintores e circulando pelos espaços de arte sentia-se isolado, deslocado. Poder-se-ia dizer que era um sujeito excêntrico, que colocou essas questões todas na obra que produziu, talvez por isso foi mal compreendido, ou incompreendido por parte da crítica da época, que julgava a obra pelo homem. Preocupava-se mais com o sujeito do que com a obra produzida.

Araujo (1974) o considera um autêntico expressionista, ou seja produtor de uma pintura subjetiva, deixando transparecer e externalizando sentimentos e emoções no ato de pintar. Esta vertente nas artes plásticas tinha por essência a deformação da realidade, construindo-se, assim, como já dito, uma pintura altamente subjetiva, com figuras disformes e utilização de cores fortes, como se verifica em muitas telas do holandês Van Gogh, poeta admirado por Bakun, o qual recebeu inclusive a alcunha de Van Gogh paranaense.

Sujeito arredio, Bakun isolou-se, buscou refúgio na natureza dos arredores e isto se explicita na obra que ele produziu. Alheio aos homens, abraçou a natureza. “No domínio da paisagem, a evidente devoção de Bakun em relação à natureza está mais próxima da dimensão do amor humilde que propriamente das dimensões do dramático e do trágico [...]” (FREITAS, 2009, p. 92). Bakun fez da sua pintura um imperativo existencial, tal qual o passarinho descrito anteriormente no poema de Kolody, um ser que não apenas contempla a natureza, mas vive nela. Por isso a predileção pela apresentação de lugares singulares, como os já ditos anteriormente. As paisagens bakunianas não evidenciam a grandiosidade, mas realçam o pequeno, o desconhecido, o despercebido, enfim o simples, que muitas vezes não é percebido e ignorado por ser justamente simples (simplório) demais.

[...] Suas paisagem fogem da temática de lugares grandiosos, Bakun avança mesmo na simplicidade, recebe-nos pela porta dos fundos, apresenta uma natureza dos arredores

e dos bairros de Curitiba: fundos de quintais, pequenos trechos de estadas, algumas casas refletidas em espelhos de água. (LOURENÇO, 2012, p. 19).

O artista também registra porções de mata, árvores, vegetação, como foi mostrado na tela acima, espaços naturais não percebidos na cidade, mas que ocorrem espontaneamente na natureza dos arrabaldes, em um espaço onde se pode ter uma relação mais direta com a natureza e perceber a vida pulsante que emana a cada dia, a cada amanhecer, quando a vida transparece em plenitude, como na “Canção da manhã”, de Helena Kolody.

#### Canção da manhã

No esguio minarete do pinheiro,  
o sabiá convida para a prece.

Canta e baila a água trefega das fontes  
na cristalina infância dos rios.

Fragílimas filigranas de teias orvalhadas  
tremeluzem ao sol.

Ostenta um lustro novo e o verde da folhagem,  
comunicando ao velho encanto da paisagem  
um brilho inaugural.

Fulvo oceano de luz em que submerge o mundo!  
Riso feliz que assoma aos lábios sem querer...  
Ó gloriosa manhã, como é doce viver!  
(KOLODY, 2011, p. 163).

O alvorecer é a esperança de um novo dia. Vida que se renova e recomeça. “Canção da manhã” é a renovação também da natureza e todo o poema é perpassado por vocábulos que nomeiam seres constituintes da mesma: “pinheiro”, “sabiá”, “rios”, “teias orvalhadas”, “folhagem”, “oceano”. Todas as estrofes mostram partes da mesma natureza, e concorrem para com a integralidade que perfaz a totalidade da beleza de uma manhã.

O canto do sabiá na copa do pinheiro, na primeira estrofe; o escorrer das

águas do rio na segunda estrofe, as teias de aranha orvalhadas reluzentes aos raios de sol, na terceira; os brotos novos dos vegetais, na quarta são elementos da natureza, presentes na manhã cotidiana do interior

Esses ambientes rurais e interioranos em muito marcaram a jovem Kolody, que registrou essas paisagens, o contato e a relação com a natureza posteriormente na poética que produziu, por isso sua poesia se configura como do cotidiano, das vivências do dia a dia, porque a poeta transformou, por meio da linguagem lírica e condensada momentos que vivenciou e observou em obra de arte verbal, a poesia. Ela mesma comenta que o inóspito ambiente do interior de sua infância se tornou mote de seus poemas.

Feliz naquele mundo minúsculo, só fui me dar conta dele muito tempo depois, quando nossos antepassados já haviam migrado para moradas superiores e eu para cidades maiores. A cidadezinha qualquer de minha infância, centro das minhas memórias, foi a inspiração da maioria dos meus poemas. (KOLODY apud ZANETTI, 2012, p. 26).

Exemplos, entre inúmeros, da recordação de outrora, cuja presença marcante da natureza transparece harmoniosa e em intensa integração com o humano é o poema "Bucólica", onde há a reminiscência a um tempo de antigamente e um espaço campestre que parece estar parado. O tempo transcorre sem pressa e a vida segue com tranquilidade.

#### Bucólica

Vida sem pressa nas casas enormes  
Ilhas sem sombra nos grandes quintais.

Liberto das horas, o rio te convida.  
Preparas a linha; no anzol, uma isca  
que um peixe guloso, imprudente belisca...  
Um claro sorriso de astúcia te aflora  
à boca, manchada de sumo de amora.

Numa árvore, tens o teu forte invencível  
e noutra, comandas navio de pirata...

No cavalo em pelo, passas cavalgando,

revolto o cabelo, nus os calcanhares.  
Pássaros se assustam com o estrepitoso  
ritmo das sonoras patas do cavalo...

Vida sem pressa,  
liberta das horas.  
(KOLODY, 2004, p. 120).

Mais uma vez se verifica neste poema dentro do rol poético kolodyano a presença da natureza e seus elementos e ações junto ao meio natural. A pescaria e a colheita e degustação de amoras (silvestres), na segunda estrofe. A brincadeira entre as árvores, fazendo delas um reduto, na imaginação de criança, um "forte" seguro ou o espaço de um "navio de pirata", sentindo-se grandioso e invencível como um famoso comandante de navio, que se evidencia na terceira estrofe.

E o lazer, que é também uma brincadeira. Cavalgar sem ter uma sela atrelada ao cavalo, com os cabelos esvoaçante ao vento na corrida, seguindo por caminhos em meio ao campo, assustando pássaros. É a vida simplória e "bucólica", como já exposto no título, mas que remete a um lugar cercado pela natureza e pela simplicidade de tudo.

Muitas das telas de Bakun também remetem ao bucólico, a cenas campestres. Como exemplo tem-se a tela abaixo:

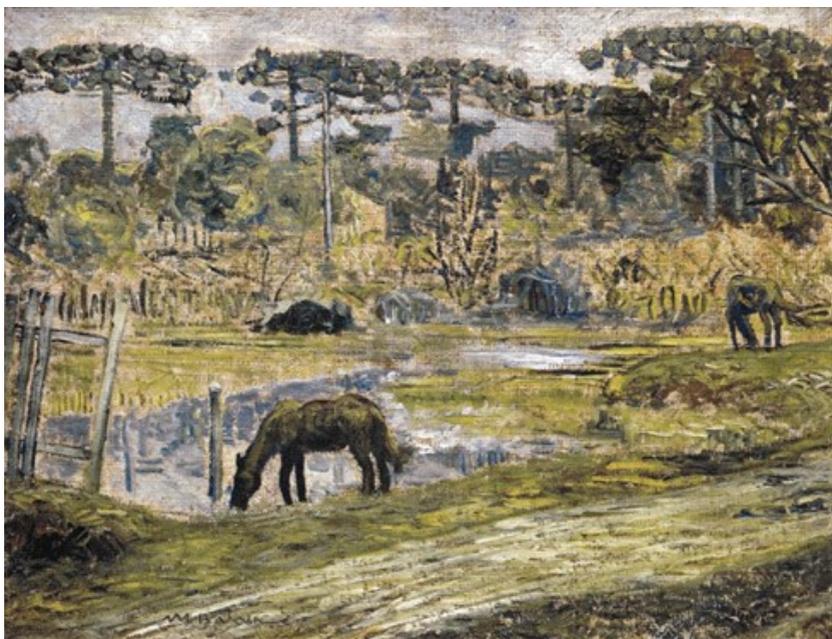


Figura 2: Sem título [paisagem com cavalos] s.d. óleo sobre tela 45 X 55 cm col. Welinton Milani  
Fonte: PROLIK, Eliane. Miguel Bakun: a natureza do destino. Textos de Eliane Prolík, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: edição do autor, 2009. (p. 50).

Esta paisagem bakuniana remete ao rural. Vê-se parte de uma propriedade, onde há dois cavalos à beira de um lago. Em tal cena a presença de elementos naturais também é marcante. Os animais (cavalos), o lago, os pinheiros ao fundo, alguns pedaços de cercas de madeira e árvores. Há o registro de uma cena dos arrabaldes percorridos pelo artista. A paisagem apresenta um sítio. A cena é modesta, de um bucolismo típico de interior. Esta tela é exemplo das paisagem típica de Bakun, em que se verifica o apreço pelos arredores, onde a natureza se mostra intensa em pequenos trechos de matas, quintais, matas, etc.

Registrar o simples dos arrabaldes é o que se observa na tela acima exposta. Uma cena campestre, lugar simples e tranquilo, por onde Bakun andava a pintar e onde se sentia à vontade com sua arte. Observa-se em primeiro plano um caminho, delineado pela cor de nuance branca. À esquerda há algumas ripas de madeira, como que a indicar o limite de uma cerca, próximo a ela está um cavalo, a beber água em

um lago. Na parte central da tela, à direita localiza-se outro cavalo, também próximo ao lago.

O lago ocupa a porção central do espaço da tela, registrado em tonalidades de manchas amareladas e outras cinza ou azuladas, utilizadas para indicar efetivamente a presença de água. Na parte superior está um trecho de mata, destacando-se mais ao fundo algumas araucárias e, em espaço reduzido, o acinzentado céu. Ao fundo, na parte superior da tela estão alguns pinheiros, com seus troncos hirtos e suas partes superiores como uma taça, conforme descrito por Kolody em um poema seu intitulado "Araucária". Os pinheiros destacam-se frente à vegetação mais baixa, que é pintada formando manchas de cores, evidenciando diferentes espécies de árvores que compõe a flora registrada por Bakun.

A maioria das pinturas bakunianas são paisagens e apresentam uma natureza dos arredores de Curitiba, cenários onde o artista se sentia à vontade para desenvolver sua pintura. Bakun desvencilha-se do turbilhão da cidade para adentrar aos campos, aos sítios, aos arredores. Lugares onde a havia a presença humana, o que também transparece implicitamente nas paisagens bakunianas. É o caso da última tela apresenta acima. Pode-se inferir a presença humana naquela paisagem pelos cavalos, animais domesticados que serviam de transporte e também para outros trabalhos na terra; pelos pedaços de cercas e pela estreita estrada, caracterizando transformação do ambiente natural pelo ser humano.

Bakun arredio escapa da cidade e envereda-se por espaços periféricos. Segundo Lourenço (2012) o artista não capta a Curitiba com sua massa de pessoas, mas constrói uma pintura que representa uma natureza solitária.

A obra de Bakun não mostra uma Curitiba real, no sentido de configuração urbana, com sua multidão de pessoas que passam pelas ruas, formato esse que o centro da cidade já estava ganhando na década de 50, mas sim um cotidiano melancólico, que mesmo esboçado em turbulentas pinceladas, traz uma natureza íntima e solitária, vivida pelo próprio artista [...]. (LOURENÇO, 2012, p. 76).

De fato, a cidade de Curitiba vai progredindo nas décadas de 40 e 50, quando Bakun desenvolve sua pintura, mas o artista, deslocado socialmente, prefere o registro na natureza aos prédios, casas, ruas, pessoas da cidade. A "rebeldia" de Bakun, sua vida artística solitária, seu autodidatismo, ampla utilização e preferência pela cor amarela e, mesmo o suicídio, fizeram com que muitos vissem em sua obra parentesco ou influência com a obra de Vincent Van Gogh.

O comportamento social e particular de Bakun também o ligou intimamente à sua pintura. Sua condição de escravo, o modo de se vestir e se relacionar com as

pessoas, a fuga para o campo contribuía para a marginalização do sujeito Bakun e, conseqüentemente da sua obra. De origem humilde, Bakun não teve formação acadêmica em artes plásticas e suas pinturas tornaram-se modernas talvez justamente por essa “deficiência técnica”. Bakun desenvolveu uma prática pictórica toda particular e o reconhecimento desta tendência veio mais apropriadamente apenas após a sua morte.

Outra característica da pintura bakuniana é, como se pode ver nas paisagens apresentadas neste trabalho é a redução e grandiosidade da natureza. Segundo Prolik, “[...] Em suas telas, a natureza e a paisagem, temas que comumente requerem grandiosidade e amplidão, se acham mais ou menos reduzidos ao uso de uma pequena e média dimensão [...]” (PROLIK, 2009, p. 14). Como exemplo pode-se citar, na última tela apresentada acima, a presença da estrada, da qual se vê apenas um pequeno trecho, na parte inferior da tela e a presença de um galho de árvore, na parte superior direita da tela, o que corrobora a redução da paisagem, sendo um recorte e que, por sua vez aproxima tal cena do humano.

A poética kolodyana é também uma ode à natureza próxima e integrada ao ser humano, poesia em que se verifica quantitativamente a presença de pássaros, flores e tem a natureza como um organismo vivo, com coração, e da qual emana aromas e ruídos. O eu lírico presente em muito poemas de Kolody sente-se parte da natureza. Absorve pelos sentidos tudo o que há na natureza. Esses poemas se entrelaçam às vivências e pode-se dizer que são experiências retiradas da memória da própria poeta, o que segundo Cruz (2010), caracteriza a poética kolodyana, pois ela parte do empírico para construir uma poesia transparente e concisa.

A poesia kolodyana parte da experiência cotidiana e a transcende mediante a imagem poética a uma dimensão maior, que cria no leitor uma consciência de plenitude fora do espaço e do tempo. Na travessia de uma vida, as pulsões vitais, mente lúcida e sensível, que ordena as palavras e a linguagem numa poesia que é experiência elaborada, purificada pelo intelecto [...]. (CRUZ, 2010, p. 129).

A poesia de Kolody se configura como “experiência elaborada”, conforme salienta Cruz. A poeta transforma cenas e vivências comuns do cotidiano rente à natureza em poemas elaborados pelo manejo da linguagem. Orquestrando vocábulos, organizando versos, tem-se poemas que são como pinturas, pois trazem a visibilidade de cenas pitorescas, nostálgicas, saudosas, como é o caso dos poemas acima expostos.

Octávio Paz (1996) tece algumas considerações sobre as imagens poéticas, observando a autenticidade de tais imagens salientadas na linguagem da poesia, que se caracterizaria pela mescla de verdades de ordem psicológica e de realidades objetivas.

As imagens do poeta tem sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo. Trata-se, pois, de uma verdade de ordem psicológica, que evidentemente nada tem a ver com o problema que nos preocupa. Em segundo lugar, essas imagens constituem uma realidade objetiva, válida por si mesma: são obras [...] o poeta faz algo mais do que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência [...] o poeta afirma que suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato o que somos [...]. (PAZ, 1996, p. 45).

Se os poemas e o fazer poético são expressão genuína da visão e experiência de mundo de quem o faz, reitera-se a relação poeta-natureza preconizada em Kolody. A presença da natureza e de elementos que a constitui em sua poética não é algo gratuito, mas se configura como uma realidade que contém certa veracidade embasada pela própria existência e vivência particular, conforme salienta Paz no excerto acima.

É verdade que a linguagem é burilada, transformada esteticamente para formar o poema, mas esse exercício de organizá-lo é condicionado pelas experiências. Por mais que o poeta invente, ainda assim ele deixa rastros de algo da realidade que vivenciou ou vivencia, no que escreve. A subjetividade da linguagem poética encarna também a objetividade da vida, de modo que os poemas podem ser em certo sentido autônomos, mas nunca autômatos.

O resgate das imagens da natureza na poética kolodyana e na pintura bakuniana, confrontadas com a vivência dos dois artistas possibilita entender o desenvolvimento das suas respectivas artes, calcadas na simplicidade do cotidiano e também da natureza, porque esta foi, em muito, extensão do cotidiano de Kolody e Bakun. Não se trata de analisar a obra pela vida e biografia do artista, mas observar resquícios das vivências diluídas na obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comparativo poético-plástico exposto neste trabalho buscou aproximar, por meio de um recorte de poemas e telas, a obra de Helena Kolody e a pictórica de Miguel Bakun explorando como a natureza aparece nas linguagens das duas manifestações artísticas. Discorreu-se sobre as relações entre a arte verbal e a linguagem pictórica, de forma a salientar algumas das diferenças e consonâncias entre ambas.

O trabalho é pautado em algumas premissas da literatura comparada e estudos interartísticos, campos nos quais, hoje, há a abertura à aproximação entre

autores e obras de certa maneira desconhecidos e, por que não dizer, à margem do cânone, como é o caso de Kolody e Bakun, dois artistas nascidos no seio da cultura eslava do Sul do Paraná, no entanto não muito conhecidos fora das fronteiras do estado, principalmente Bakun, que foi mais compreendido e sua obra mais estudada somente depois de sua prematura morte em 1963.

Buscando evidenciar as diferenças entre a linguagem poética e a pictórica, mas reiterando a proximidade que ambas mantem enquanto constructos humanos, que falam, simultaneamente ao outro e sobre o mundo e tendo a literatura e a arte como imagens que são ao mesmo tempo locais e atemporais, a natureza em Kolody e Bakun se caracteriza pela organicidade que foi registrada, agregando o homem em elo indissolúvel, engrenagem de um mecanismo.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Cascavel, PR. Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz. [vanderleikroin@gmail.com](mailto:vanderleikroin@gmail.com).

#### REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adalice. *Arte paranaense moderna e contemporânea: em questão 3000 anos de arte paranaense*. 1974. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1974.

CRUZ, Antonio Donizeti da. *Helena Kolody: a poesia da inquietação*. Marechal Candido Rondon, PR: Edunioeste, 2010.

\_\_\_\_\_. *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2012.

FREITAS, Artur. Miguel Bakun e a dispersão da paisagem. In: PROLIK, Eliane (Org.). *Miguel Bakun: a natureza do destino*. Textos de Eliane Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: Edição do autor, 2009. p. 87–95.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. Tradução de Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

KOLODY, Helena. *Sinfonia da vida*. Tereza Hatue de Rezende (Org.). Curitiba: Letraviva, 1997.

\_\_\_\_\_. *Viagem ao espelho e vinte e um poemas inéditos*. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.

\_\_\_\_\_. *Infinita Sinfonia*. Organização e coordenação de Adélia Maria Woellner. Curitiba: Edição do autor, 2011.

LOURENÇO, Clediane. *Pelas dobras da cidade*. Curitiba e seus artistas. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2012.

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre Curitiba pelos quintais de Miguel Bakun. *O Mosaico*. Revista de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná. Curitiba, PR, n. 8, p. 17-29, jul./dez. 2012.

PAZ, Octavio. A imagem. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 37-50.

PROLIK, Eliane (org.). *Miguel Bakun*: a natureza do destino. Textos de Eliane Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: Edição do autor, 2009.

Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos. Antonio Donizeti da Cruz (Org.). In: CRUZ, Antonio Donizeti. *O universo e o fazer poético de Helena Kolody*. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2012. (p. 254 – 373).

ZANETTI, Eloi. O caminho suave de Helena Kolody. *Revista Helena Kolody*. Curitiba, PR, ano 1 p. 24-29, jun. 2012.